

# CIÊNCIA

## Como o banco de um curandeiro moçambicano diz muito sobre a forma de fazer ciência

**Etnobotânica**  
Teresa Serafim

**Objectos de curandeiros, plantas medicinais e fibras para têxteis são alguns objectos da exposição *Plantas e Povos*, em Lisboa**

Numa das vitrinas está uma fotografia a preto e branco de Artur Murimo Mafumo. Diz-nos muito sobre este moçambicano. Ao seu lado, há um banco em forma de elefante usado na prática de diagnóstico de doenças. Artur Mafumo era curandeiro. Mas em Dezembro de 1955 foi preso e os seus objectos de culto e adivinhação, como ossículos adivinhatórios, foram apreendidos e trazidos para Portugal por Joaquim Santos Júnior, chefe da 6.ª campanha da Missão Antropológica de Moçambique (uma expedição científica). Agora, os seus objectos estão na exposição *Plantas e Povos* no Museu Nacional de História Natural e da Ciência (Muhnac), em Lisboa.

Ao todo estão expostos 308 objectos etnobotânicos e etnográficos dos séculos XIX e XX das antigas colónias portuguesas, bem como da China, do Irão e do Egipto. Todos pertencem a colecções do extinto Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT) e do Muhnac. “Esta exposição é muito importante por várias razões. A primeira é porque dentro do museu não havia um espaço dedicado à botânica”, diz o director do Muhnac, José Pedro Sousa Dias. “Por outro lado, as colecções ilustram o uso das plantas pelas populações. Por outro ainda, o IICT tinha uma parte de etnobotânica que era complementar àquela que existia aqui no Muhnac.”

É fácil orientarmo-nos na exposição. Está dividida em três núcleos. O primeiro, “Cuidar”, tem 145 objectos. Aborda os fins medicinais de plantas, como a quina, usada como antimalárico, ou materiais para cuidados estéticos, como óleos e esponjas.

É também nesta parte da exposição que encontramos uma referência ao botânico austríaco Friedrich Welwitsch. Veio para Portugal em meados do século XIX e foi depois vários anos para Angola, onde identificou milhares de espécies. Nesta exposição, podemos ver a famosa *Welwitschia mirabilis* (seca e de pequena dimensão), que só existe no



deserto do Namibe, em Angola. O maior exemplar conhecido atingiu 1,4 metros de altura e mais de quatro metros de diâmetro. Além disso, há desenhos que o botânico fez de algas microscópicas e um caderno de campo de uma expedição em Angola, de 1853 a 1860, em que Welwitsch descreve a descoberta da sua *Welwitschia mirabilis*.

A meio da exposição encontram-se os objectos do curandeiro. É no núcleo “Transcender” que, além dos instrumentos de Artur Mafumo e de outros curandeiros, há 84 objectos, como tabaco em rolo, tabaqueiras fabricadas com material vegetal, máscaras para rituais de iniciação, instrumentos musicais e cachimbos. “Os cachimbos podiam ser usa-



**O curandeiro moçambicano Artur Murimo Mafumo em 1955; ao centro, o seu banco para fazer diagnósticos e o instrumento de benzedura, que foram apreendidos; em baixo, sementes de sumaúma**

dos em contexto ritual para contactar os antepassados”, conta Marta Costa, técnica superior do serviço de exposições do Muhnac. “O cacau está neste núcleo porque era considerado uma bebida dos deuses.”

O último núcleo já nos mostra os materiais vegetais usados na indústria, seja para a habitação, para o transporte ou a agricultura. “É a transformação dos produtos numa escala maior”, salienta Marta Costa. Nas vitrinas estão fibras que dão origem a cordas e tecidos ou plantas usadas para corantes e pigmentos.

Ao longo da exposição, há também registos fotográficos e filmes de colecções



do IICT e do Muhnac, que documentam expedições científicas em Moçambique ou Angola. Mas tudo culmina com uma última reflexão, num espaço dedicado a isso mesmo, o “Reflectir”: “As colecções de objectos naturais nos museus constituem uma importante representação de informação sobre os usos das plantas pelos diferentes povos do planeta”, lê-se nesse espaço, onde estão representadas várias espécies, como o pau-brasil, “em perigo” de extinção.

“Temos a responsabilidade de preservar o conhecimento e de intervir, para a aumentar o alerta para a sustentabilidade”, diz José Pedro Sousa Dias. “Todos os objectos da exposição são de um período em que a humanidade não tinha uma capacidade tão destrutiva em relação à natureza como hoje.” Para explorar ao pormenor estas e outras questões, haverá visitas guiadas e conferências, ainda sem data e temas definidos. A exposição é de longa duração e também ainda não tem data de encerramento.

teresa.serafim@publico.pt

## Consegue reconhecer as notícias falsas?

**Internet**  
Teresa Firmino

**É o segundo questionário de uma campanha europeia sobre a Internet em curso em vários países**

Esta semana, uma campanha europeia sobre a próxima geração da Internet que está a decorrer em jornais de oito países – incluindo o PÚBLICO em Portugal – convida os leitores a responder a um questionário online sobre informação, democracia e novos *media*, acessível em português.

Iniciada na semana passada, com o lançamento do primeiro questionário, a campanha *Iniciativa sobre a Internet de Próxima Geração* terá mais dois questionários, acessíveis no site do PÚBLICO (em português, às quintas-feiras). O objectivo é que os decisores políticos possam ter um retrato sobre o que pensam os cidadãos sobre como as novas tecnologias interferem na nossa vida, positiva e negativamente. O questionário desta semana (<https://re-search.eu/initiatives/next-generation-internet/2/pt>) é sobre como “Novas tecnologias que interferem na esfera pública: informação, democracia e redes sociais”. Uma das questões dos últimos tempos é a das falsas notícias. “Reconhecer notícias falsas, ou simplesmente saber que existem notícias falsas, é necessário para o pensamento crítico de um estudante”, tem dito o director para a Educação da OCDE, Andreas Schleicher.

A campanha é do Atomium – Instituto Europeu para a Ciência, Media e Democracia (um consórcio de universidades, jornais e empresas com sede em Bruxelas para promover a difusão da ciência), usando uma plataforma tecnológica co-financiada pela Comissão Europeia, a REsearch. Além do PÚBLICO, participam na iniciativa o *Der Standard* (Áustria), *El País* (Espanha), *Frankfurter Allgemeine Zeitung* (Alemanha), *Gazeta Wyborcza* (Polónia), *La Libre Belgique* (Bélgica), *Luxemburger Wort* (Luxemburgo) e o *Sole 24 Ore* (Itália). A primeira campanha do Atomium foi em 2016 (sobre doenças crónicas) e o PÚBLICO participou.

teresa.firmino@publico.pt